

## ARTIGO SOBRE O LEMA 2018

### Vou viver e anunciar o que o Senhor tem feito! Nos lugares onde fui colocado por Deus

Autor: Prof. Dr. Vilson Scholz

O lema da Igreja Evangélica Luterana do Brasil para o ano de 2018 é: *Vou viver e anunciar o que o Senhor tem feito! No lugar onde fui colocado por Deus.* Isso como que automaticamente sugere a pergunta: Onde fui colocado por Deus? Uma resposta mais apressada, e que os formuladores da temática certamente esperam, é a seguinte: nos diversos lugares de responsabilidade em que me encontro, em minhas vocações. Tal resposta está correta, mesmo sendo um tanto apressada. É necessário ir um pouco mais devagar, até porque nossa primeira localização é a mais importante.

### **Transportados para o Reino do Filho de Deus**

Onde foi que Deus me colocou? Não existe, em si, nenhum texto bíblico que diga diretamente: "Deus nos colocou aqui ou ali", utilizando o verbo "colocar". Mas existe um texto em que se chega perto disso, pela utilização do verbo "transportar". O texto é Colossenses 1.13-14: "Ele [Deus]) nos libertou do poder das trevas e *nos transportou para o Reino* do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a remissão dos pecados".

Esse importante texto bíblico afirma que Deus nos livrou do poder das trevas. Ele nos tirou do domínio de Satanás, que era como um poço escuro, e nos levou para outro lugar. Por inferência, este é um lugar marcado pela luz. Deus nos transportou para o Reino do seu Filho amado. É neste Filho, Jesus Cristo, em união com ele por meio da fé, que temos redenção e remissão.

Redenção significa que, em Jesus, Deus nos libertou, assim como se liberta um escravo, pagando o preço que ele custava. Remissão de pecados significa que, em Jesus, Deus perdoou os nossos pecados. Ele perdoou no sentido de que levou nossos pecados embora, tirando-os de nossa conta e lançando-os na conta de Jesus. Libertando-nos e perdoadando o nosso pecado, Deus nos transportou para o Reino do seu Filho amado. Esse "transporte" se deu no batismo, pela fé.

Portanto, onde fui colocado? Fui colocado no Reino do Filho amado de Deus. Onde fica esse Reino? Para entender isso corretamente, será preciso levar em conta que, no Novo Testamento, a palavra "reino" dá muito mais a ideia de poder ou domínio ("reinado") do que de lugar ("reino" num sentido parecido com o de Reino Unido, por exemplo, que pode ser demarcado num mapa). Assim, o Reino do Filho de Deus é o reinado de Cristo, ou seja, o fato de ele ser Rei ou ter domínio, como segunda pessoa da Trindade. Dizendo de outra forma, ser transportado para o Reino do Filho amado de Deus significa ter Jesus como Rei (ou Senhor), na medida em que ele é o nosso Libertador (nele temos redenção) e Aquele que nos perdoa (nele temos remissão dos pecados).

Mas é possível, e até necessário, acrescentar mais um texto bíblico, que nos ajuda a entender essa nossa "colocação". É o texto de Efésios 2.4-6: "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossas transgressões, nos deu vida juntamente com Cristo — pela graça vocês são salvos — e *juntamente com ele* nos ressuscitou e *nos fez assentar nas regiões celestiais* em Cristo Jesus".

Neste momento, o que nos interessa nesse texto tão conhecido é a parte final. Esta parte é a que, geralmente, menos se considera ou menciona, até porque soa tão estranha. Deus nos fez assentar nas regiões celestiais! Parece que o tempo do verbo está errado. Não é assim que deveria ser "nos *fará* assentar nas regiões celestiais"? Não, não é isso o que o texto diz. Deus nos "*fez assentar nas regiões celestiais*". Se isso for levado a sério, significa que já estamos sentados lá no céu. Mas não é fato que ainda estamos bem firmes aqui neste mundo, sentados em nossas cadeiras e nossas poltronas? Sim, é verdade. Por isso, para entender corretamente este texto, é preciso levar em conta tudo que é dito, ou seja, o texto mais amplo, sem falar sobre uma sutileza que é difícil de expressar em português.

Começo com essa sutileza. O texto original em grego tem um verbo que significa "fazer assentar *com*". (Seria algo como "co-sentar", mas este verbo não existe em português.) Na tradução citada um pouco antes, isso é expresso através do "juntamente com ele", que se refere tanto ao "ressuscitou" quanto ao "fez assentar nas regiões celestiais". Ou seja, Deus nos ressuscitou *juntamente com Cristo* e nos fez assentar nos lugares celestiais *juntamente com Cristo*.

Além de levar em conta que, em Efésios 2.6, afirma-se que Deus nos fez assentar nas regiões celestiais *com alguém*, que é Cristo, também é necessário considerar o texto mais amplo, ou seja, o versículo como um todo. Se fizermos isso, veremos que o texto

bíblico acrescenta que esse "fazer assentar" ocorre *em Cristo Jesus*. Deste Cristo Jesus se diz, em Efésios 1.20, que Deus o ressuscitou dentre os mortos e o fez "sentar *à sua direita* nas regiões celestiais". Portanto, estar assentado nas regiões celestiais "juntamente com Cristo" ou "em Cristo Jesus" é rigorosamente estar assentado à direita de Deus. Lembrando também que esta "direita de Deus" não é uma localização geográfica, mas uma expressão de poder ou domínio.

À luz dessa argumentação, pode-se dizer que Deus nos colocou ao seu lado, à sua direita, nas regiões celestiais. E agora você dirá: O que parecia esquisito está ficando mais esquisito ainda! Mas isso fica mais claro ou fácil de entender se lembrarmos de que se trata de algo que se dá apenas "com Cristo" ou "em Cristo". Ou seja, nós fomos transportados e estamos nas regiões celestiais apenas na medida em que estamos em Cristo, que está à direita de Deus. Como estamos "em Cristo", que está à direita de Deus, participamos do ofício real de Cristo (seu domínio), assim como participamos de seu ofício sacerdotal (sua intercessão pelo mundo) e do seu ofício profético (sua proclamação no mundo). Aqueles que já partiram, é bem verdade, já estão com Cristo, no céu (Filipenses 1.23). Nós fomos transportados para o Reino do Filho de Deus apenas na medida em que estamos "em Cristo", pela fé. Na realidade ou de momento ainda estamos sentados em nossa cadeira aqui neste mundo. Mas a nossa pátria ou cidadania está nos céus, como diz Filipenses 3.20-21, "de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas".

Assim, é verdade o que diz o conhecido hino: "Estamos no mundo, mas dele não somos". Afinal, nossa pátria está nos céus. Mas também podemos dizer que "somos do céu, pois estamos sentados nas regiões celestiais em Cristo, mas ainda não chegamos lá, pois ainda estamos neste mundo".

## **Ausentes do Senhor, ainda neste mundo**

Cidadãos dos céus, mas ainda na terra. Assentados nas regiões celestiais em Cristo, mas ainda fixos neste mundo. Como viver numa situação dessas? Como viver nesta terra, sendo cidadãos dos céus? Um texto bíblico que trata disso é 2Coríntios 5.6-10. Diz assim: "Sabemos que, enquanto no corpo, estamos *ausentes do Senhor*. Porque andamos por fé e não pelo que vemos. Sim, temos tal confiança e preferimos deixar o corpo e habitar com o Senhor. É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para *lhe*

*sermos agradáveis*. Porque é necessário que todos nós compareçamos diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”.

Esse texto de 2Coríntios 5 é rico em detalhes, mas o que interessa de momento é que ele fala sobre estar “ausentes do Senhor”. Isso se dá enquanto estamos neste mundo. Este é o tempo durante o qual “andamos por fé”. Este é o tempo durante o qual, ausentes do Senhor, aguardamos o dia em que compareceremos diante do tribunal de Cristo, no Juízo Final. Durante esta ausência, que é o tempo em que ainda estamos neste mundo, nosso maior objetivo é “sermos agradáveis” ao Senhor.

### **Agradáveis a Deus: como?**

Basicamente, a resposta a esta pergunta é que, por nós mesmos, não podemos ser agradáveis a Deus. Ele nos torna agradáveis diante de si por um favor imerecido. A obra de Cristo, da qual nos apropriamos por meio da fé, nos torna agradáveis a Deus. Dos vários versículos bíblicos que tratam desse assunto, cabe destacar um texto em que aparece essa linguagem de “ser agradável diante de Deus”. É Hebreus 13.20-21, que diz: “Ora, o Deus da paz, que trouxe de volta dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, aperfeiçoe vocês em todo o bem, para que vocês possam fazer a vontade dele. Que ele opere em nós o que é agradável diante dele, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!”

Nesta oração, que é ao mesmo tempo uma expressão de louvor a Deus, merecem destaque dois pedidos e um tema que se repete. O primeiro pedido é que Deus nos aperfeiçoe em todo o bem, para que possamos fazer a vontade dele. Isso deixa claro que, por nós mesmos, não podemos produzir esse bem. O segundo pedido é no sentido de que Deus opere em nós o que é agradável diante dele. Fica claro que as nossas boas obras, Deus as opera em nós. O tema que se repete é que tudo isso está intimamente conectado com o Senhor Jesus. Ele é o grande Pastor das ovelhas, o sangue dele é o sangue da eterna aliança, e o que Deus realiza em nós e que lhe agrada se dá por meio de Jesus Cristo. Sem ele, nada somos.

### **Agradáveis a Deus: onde?**

Onde se vive uma vida agradável a Deus, pela fé? Esta é uma boa discussão, ou, como se diz, algo que dá muito pano para manga. Existe uma longa história relacionada

com essa busca de uma localização que seja agradável ou mais agradável a Deus. Não cabe, neste momento, apresentar isso em seus mínimos detalhes. Também não será necessário dizer que, infelizmente, existem muitos que, tendo recebido a cidadania celeste no Batismo, abrem mão dela, vivendo como se não existisse nada além daquilo que se vê. De forma resumida, pode-se dizer que existem dois extremos e uma posição mediadora, que é a preferencial.

Fácil é pensar que, sendo nós cidadãos de outro lugar, estando nós já assentados nos lugares celestiais (Ef 2.6), não temos nada a ver com o lugar onde nos vemos ou encontramos agora. Traduzindo: muitos pregaram e ainda pregam uma fuga deste mundo. Se quisermos ser agradáveis ao Senhor, pensavam (e pensam), precisamos ir para um lugar especial, longe da vida comum do dia a dia, para o recinto da igreja, para o ambiente de um mosteiro. Em nossos dias, quem sabe um condomínio ou bairro habitado apenas por crentes. O exemplo de Martinho Lutero, que era monge, mas acabou casando e criando filhos, mostra que, do ponto de vista da teologia luterana, esta não é uma opção válida.

Outra opção, também registrada ao longo da história da Igreja e presente ainda em nossos dias, é a tentativa de trazer os "lugares celestiais" para o nosso mundo. Em outras palavras, o que se ambiciona é transformar a sociedade à luz dos valores cristãos, criando, por assim dizer, um céu na terra, por menor que seja. Sob esta perspectiva, uma sociedade mais justa (até porque parece impossível conseguir uma sociedade "justa") seria a síntese almejada. Também nesse caso, elimina-se a tensão mencionada no início, a saber, a tensão entre "estar assentado nos lugares celestiais em Cristo" e ainda ocupar uma cadeira ou uma poltrona neste mundo. Na verdade, essa opção é muito pouco realista.

A terceira grande opção é aquela representada pela teologia de Martinho Lutero. Ele tratou de afirmar as duas realidades (assentados nos lugares celestiais e ao mesmo tempo ainda ocupando uma cadeira neste mundo), mantendo a tensão que resulta desse "estar sentado ao mesmo tempo em dois lugares". Outra forma de expressar isso é a conhecida tese que resume a visão de Lutero quanto a esse assunto: ao mesmo tempo justo ("assentado nos lugares celestiais") e pecador ("ainda neste mundo"). Segundo esse ponto de vista, a vida agradável a Deus é vivida nas situações concretas desta vida. Não se trata dos lugares que eu escolhi ou que a Igreja escolheu, mas os lugares em que Deus me colocou.

Que lugares são esses? Deus me colocou neste mundo, fazendo-me cidadão de uma pátria, com direitos e deveres. Ele me colocou numa família, fazendo de mim um filho ou

uma filha. Ele me permite entrar no estado do matrimônio, onde passo a ser ou marido (se sou homem) ou esposa (se sou mulher). Se tenho filhos, passo a assumir a responsabilidade de pai ou mãe. Na ordem da Igreja, estou no grupo dos que ouvem (a Igreja como um todo) ou no grupo dos que pregam (o pastor). De forma resumida, pode-se dizer que, segundo Lutero, somos agradáveis a Deus, vivendo como cidadãos dos céus, em três ordens ou lugares de responsabilidade: a Igreja, a política (ou seja, a vida na sociedade) e a casa (que, no tempo de Lutero, incluía a ordem econômica, ou seja, o trabalho).

## **A Tábua dos Deveres no *Catecismo Menor***

Quem está lembrado do que aprendeu no *Catecismo Menor* de Lutero ou abre o *Catecismo* naquela seção intitulada Tábua dos Deveres, percebe que não há nenhuma novidade nisso. Ali, Lutero seleciona “alguns versículos para todas as santas ordens e estados”. Chama a atenção que Lutero denomina essas vocações ou esses lugares de responsabilidade em que somos colocados por Deus de “santas ordens”. Isso parece uma forma bem clara de polemizar com as ordens monásticas, consideradas mais santas do que tudo o mais. Que santas ordens e estados são esses? No *Catecismo Menor*, nessa seção conhecida como Tábua dos Deveres, Lutero apresenta uma lista de doze santas ordens: bispos, pastores e pregadores; os cristãos em relação a seus mestres e curas d’alma; a autoridade secular; súditos; maridos; esposas; pais; filhos; empregados, empregadas, trabalhadores; patrões e patroas; mocidade; viúvas. A isso acrescenta uma palavra, a “todos em geral”.

De onde foi que Lutero tirou essa ênfase de que servimos e somos agradáveis a Deus nessas situações que são como que corriqueiras em nossa vida? Visto que Lutero simplesmente cita textos bíblicos que são dirigidos a cada uma dessas ordens ou a cada um desses lugares de responsabilidade, não é preciso muito esforço para concluir que essas santas ordens foram tiradas da própria Bíblia. São ordens que foram estabelecidas por Deus, não pela tradição da Igreja, e também por isso, ou seja, por terem sido instituídas por Deus, elas são santas. Sim, Lutero tirou essas ordens da leitura da Bíblia. Como ele era professor de Bíblia, especialmente do Antigo Testamento, certamente notou (sem muito esforço, é claro) que Abraão, o pai dos crentes, continuou a viver a sua vida normal, peregrinando de um lugar a outro, tendo filhos, cuidando do seu rebanho, comprando um terreno para sepultar a esposa Sara, e assim por diante. Sempre como homem de fé (“assentado nas regiões celestiais”), mas com os pés bem fincados nesta terra (e, podemos acrescentar,

“dando cabeçadas”). A mesma coisa aconteceu com o grande rei Davi. Ele não saiu do mundo, mas continuou exercendo o seu ofício de rei. O mesmo vale para as demais santas ordens que Lutero cita no *Catecismo* e que são tiradas diretamente do Novo Testamento: marido, esposa, pai, mãe, filho, filha, patrão, patroa, autoridade, súdito, etc.

## **O sagrado e o profano**

Portanto, onde foi que Deus nos colocou ou coloca enquanto estamos nesta terra? Não nos lugares que nós escolhemos ou que a tradição eclesiástica estabeleceu, porque são supostamente mais santos, mas nos lugares em que o próprio Deus nos colocou, incluindo a Igreja. Estes são lugares de honra, porém não no sentido de serem lugares extraordinários. E a localização ou a condição de líder da Igreja ou membro da Igreja é uma dessas ordens entre as outras.

Neste ponto, temos muito a agradecer à mensagem da Reforma. Porque a tendência do ser humano é buscar um lugar especial. No tempo de Lutero, a entrada num mosteiro era vista como um segundo batismo. Hoje, talvez muitos pensem que aquilo que um cristão faz como membro da Igreja, no pátio da igreja, é mais agradável a Deus do que tudo aquilo que se faz fora do pátio da igreja. Não é verdade, pois essa é uma falsa santidade. Todas as atividades em cada uma dessas ordens são agradáveis a Deus, sendo feitas em Cristo, por uma pessoa de fé. Podemos dizer que tirar leite da vaca, governar o estado e ser pastor da Igreja são todas boas obras, sem distinção, desde que feitas em fé verdadeira por aqueles que foram colocados nesses lugares ou nessas vocações para realizarem essas tarefas.

Com isso, Lutero revisou radicalmente a distinção que era feita entre sagrado e profano. Sagrado, no tempo de Lutero (e para muitos ainda hoje), é aquilo que está ligado à vida de culto e a cerimônias na igreja. Profano é o âmbito em que o ser humano se relaciona com os outros e com o mundo criado. Quando se faz esta separação, o sagrado tende a ser visto como muito superior ao profano. Assim, no tempo de Lutero, se ensinava que fazer uma peregrinação era mais santo do que cuidar da roça. Ora, quem pensa assim mostra que não reconhece a bondade de Deus, mas quer mostrar a Deus a sua própria bondade, querendo chamar a atenção de Deus para aquilo que está fazendo. Na verdade, esses ensinamentos sobre peregrinações são mandamentos de homens, coisa não ordenada por Deus. Diante de tudo isso, Lutero insistiu na santidade das atividades feitas no âmbito profano, desde que realizadas por uma pessoa de fé.

## **A importância de 1Coríntios 7.20**

Um texto importante para esta questão das santas ordens ou vocações é 1Coríntios 7.20: "cada um permaneça na vocação em que foi chamado". Vale a pena ler esse texto dentro de seu contexto mais amplo, que é 1Coríntios 7.17-24: "No mais, que cada um ande segundo o que o Senhor lhe concedeu, conforme Deus o chamou. É isto que ordeno em todas as igrejas. Foi alguém chamado, estando circunciso? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar. A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar os mandamentos de Deus. Cada um permaneça na vocação em que foi chamado. Você foi chamado, sendo escravo? Não se preocupe com isso. Mas, se você ainda pode tornar-se livre, aproveite a oportunidade. Pois quem foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto que pertence ao Senhor. Do mesmo modo, quem foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo. Vocês foram comprados por preço; não se tornem escravos de homens. Irmãos, cada um permaneça diante de Deus na condição em que foi chamado."

Nesse trecho, Paulo deixa claro que o chamado à fé em Cristo se dirige à pessoa numa determinada situação de vida. O que importa é esse chamado à fé, através do qual, para voltar à linguagem utilizada no começo deste estudo, Deus nos faz assentar nos lugares celestiais (Ef 2.6). A condição em que nos encontramos ou o lugar em que estamos, neste mundo, ao sermos chamados, não é relevante. Paulo cita apenas duas condições ou situações, uma ligada à etnia (circuncidado, isto é, judeu, ou incircunciso, isto é, gentio) e outra ligada à "profissão" ou atividade econômica (escravo). Não há necessidade de sair de uma condição e passar a uma condição supostamente mais "espiritual". Mas mesmo que alguém tenha a oportunidade de mudar de situação, como no caso do escravo que podia obter sua liberdade (algo que Paulo incentiva), isso também não tem maior importância. O texto deixa claro que não é o lugar em que se está que é determinante, mas quem está em determinado lugar e o que faz. Não existe situação ou condição mais nobre do que as demais. Por isso, diz Paulo, que cada um fique onde está. O importante mesmo é pertencer ao Senhor (e aqui fica implícita a fé) e guardar os mandamentos de Deus (onde se poderia enfatizar, de modo especial, o amor ao próximo).

## **Um testemunho da Igreja antiga**



Na Igreja antiga, antes do ano 200 d. C., surgiu um escrito que é conhecido como Carta a Diogneto. Não se sabe quem escreveu esse texto. O autor apenas se identifica como "discípulo". Também não se sabe quem era esse Diogneto a quem a carta foi dirigida. Não importa. O que interessa é que esse texto mostra como os cristãos, cidadãos do céu (ou, nos termos da linguagem que estamos usando neste estudo, gente "assentada nas regiões celestiais" – Ef 2.6), viam-se como moradores deste mundo. A certa altura, essa Carta a Diogneto diz assim: "Os cristãos não se diferenciam das outras pessoas por sua nacionalidade, pela língua que falam ou pelos seus costumes. Não moram em cidades à parte, construídas apenas para eles, não falam uma língua estranha, e também não têm um modo de vida peculiar. A doutrina deles não se baseia em conjeturas inspiradas na curiosidade dos homens. [...] Quanto a vestuário, alimentação e modo de vida em geral, seguem os costumes da cidade em que moram, seja ela grega ou bárbara. No entanto, existe algo de singular relacionado com a vida deles. Vivem no país em que se encontram como se estivessem apenas de passagem. Cumprem plenamente o seu papel de cidadãos, mas atuam sob todas as restrições típicas de estrangeiros. Qualquer país pode ser a pátria deles, mas para eles essa pátria, qualquer que seja, é um país estrangeiro. Como as outras pessoas, casam e têm filhos, mas não deixam os filhos morrer à míngua. Fazem refeições em comum, mas cada qual tem o seu próprio cônjuge. Vivem neste mundo, mas não são governados pelos desejos da carne. Moram na terra, mas são cidadãos do céu. Obedecem às leis, mas vivem num nível que transcende a lei...".

## **O exemplo de Lutero**

Bem no começo do movimento de Reforma, em 1522, Lutero escreveu um pequeno tratado que se chama "Da vida matrimonial". Nele, Lutero rejeitou a supervalorização do celibato, tão comum na Igreja antiga e na Idade Média. Essa supervalorização do celibato, que marcava a vida de monges, freiras e padres, resultava numa desvalorização do casamento e da sexualidade. Lutero repensou e revalorizou o casamento e a família. Três anos mais tarde, em 1525, ele próprio acabou casando com Catarina von Bora, devolvendo assim aos pastores da Igreja o casamento e a vida familiar. Pois, nesse tratado "Da vida matrimonial", Lutero, de forma bastante ousada, apresenta o exemplo do homem que lava as fraldas do bebê. Mas esse ainda não é o ponto principal, por mais revolucionário que soe aos nossos ouvidos. Lutero apresenta isso como boa obra, se feito por um homem que tem fé em Jesus. O texto de Lutero vai assim: "Dize-me: Se um homem fosse lavar as fraldas

ou realizar qualquer outro serviço desprezível na criança, e todos zombassem dele, dizendo que é um babaca e afeminado; no entanto, se ele o fizesse no espírito acima descrito e na fé cristã — diga-me, agora, quem zomba mais do outro? Deus se alegra juntamente com todos os anjos e criaturas, não porque o pai está lavando as fraldas, mas porque ele está fazendo isso na fé” (Obras Seleccionadas, 5:177).

## **Confissão de Augsburgo, Artigo XVI**

Na Confissão de Augsburgo, a confissão de fé que sintetiza a teologia da Reforma, o assunto que estamos estudando aparece no artigo dezesseis. Olhando para o título, “Da ordem política e do governo civil”, parece que nada disso é tratado aqui. No entanto, num rascunho inicial dessa confissão de fé, o Artigo XVI era intitulado “Da vida na sociedade” (*Vom bürgerlichen Wesen*). Por fim, esse título foi mudado. No entanto, vê-se que o título não diz tudo, na medida em que, além de abordar a ordem política e o governo civil, este artigo trata também do estado matrimonial.

O Artigo XVI da Confissão de Augsburgo diz assim: “Da ordem política e do governo civil se ensina que toda autoridade no mundo e todos os governos e leis ordenados são ordenações boas, criadas e instituídas por Deus, e que cristãos podem, sem pecado, ocupar o cargo de autoridade, de príncipe e de juiz, proferir sentença e julgar segundo as leis imperiais e outras leis em vigor, punir malfeitores com a espada, fazer guerras justas, combater, comprar e vender, fazer juramentos requeridos, possuir propriedade, casar, etc. Aqui são condenados os anabatistas, os quais ensinam que nenhuma das coisas supramencionadas é cristã. Condenam-se, outrossim, aqueles que ensinam ser perfeição cristã abandonar fisicamente casa e lar, mulher e filhos, e renunciar as coisas citadas, quando o fato é que *apenas o verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé constituem a perfeição autêntica*. Pois *o evangelho* não ensina uma forma de vida e justiça exteriores, temporais, senão uma interior e eterna vida e justiça do coração, e *não abole o governo civil, a ordem política e o casamento*, querendo, ao contrário, *que se guarde tudo isso como genuína ordem divina e que cada qual, de acordo com sua vocação, mostre, em tais ordenações, amor cristão e obras verdadeiramente boas*. Por isso os cristãos têm o dever de estar sujeitos à autoridade e de obedecer-lhe aos mandamentos e leis em tudo o que não envolve pecado. Porque se não é possível obedecer à ordem da autoridade sem pecar, mais importa obedecer a Deus do que aos homens. Atos 5.29.”

As partes principais desse artigo que se relacionam com o tema em estudo aparecem em itálico. Perfeição autêntica diante de Deus é o temor de Deus e a verdadeira fé. E onde se vive esta fé? Não em algum lugar especial, fora do mundo secular, mas nas ordens instituídas por Deus. O Artigo XVI menciona apenas o governo civil, a ordem política, e o casamento. Essas ordens divinas, entre outras, devem ser guardadas, ou seja, é preciso permanecer dentro delas. Cada cristão, de acordo com a sua vocação, que não é a mesma para todos (governante ou governado, marido ou esposa, etc.), deve mostrar, dentro dessas ordens ou ordenações, amor cristão e obras verdadeiramente boas.

Dentro dessas ordens, de acordo com a sua vocação, o cristão não precisa fazer nada para agradar a Deus, pois já é agradável a ele em Cristo Jesus. Não precisa se esforçar para “chegar ao céu”, pois já está assentado nas regiões celestiais em Cristo Jesus (Ef 2.6). O cristão também não quer agradar a si mesmo, pois seria egoísmo. Nessas ordens instituídas por Deus, o foco é sempre o próximo, a quem se dirige o nosso amor cristão. Aliás, cabe observar que essas “santas ordens” sempre aparecem em pares, o que nos lembra que se tratam de ordens de serviço recíproco. Os pais têm os filhos para educar e os filhos têm os pais para honrar; o marido tem a esposa para amar, e a esposa tem o marido para reconhecer como cabeça; e assim por diante.

## **Vida cruciforme dentro dessas santas ordens segundo 1Coríntios**

A temática do amor cristão, apresentada no parágrafo anterior, leva naturalmente a uma breve referência à Primeira Carta aos Coríntios, conhecida acima de tudo pelo notável capítulo 13, que trata do amor. Como esta carta é tema dos estudos do *Igreja em Grupos* em 2018, cabe fazer um rápido registro.

Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo trata de uma série de assuntos ou problemas, quase todos relacionados com vivência ou comportamento. Havia divisões na igreja, um irmão na fé estava entrando na justiça comum contra outro irmão, e assim por diante. Apenas o capítulo 15 é mais teológico, na medida em que trata da ressurreição, mas também este conclui com um apelo de ordem ética (1Co 15.58). E, com certeza, todos se lembram da parte inicial, em que Paulo expõe a mensagem da cruz (1Co 2.2). Mas como isso tudo forma um conjunto? Qual a relação entre os problemas que Paulo aborda, problemas típicos de uma igreja na cidade, e a mensagem da cruz que aparece no início da carta?

Lendo 1Coríntios com cuidado, percebe-se que havia naquela igreja um grupo (“alguns de vocês”, 1Co 4.18; 15.12) que se opunha à maneira apostólica de ver a fé cristã. Esse grupo – e as divisões na igreja é um dos temas que Paulo aborda – estava como que pressionando toda a igreja a se colocar contra o apóstolo Paulo. Que grupo era esse? Era um grupo que podemos chamar de “os espirituais” (1Co 14.37). Voltando à imagem usada no início deste estudo, aquela do “estar assentado nos lugares celestiais” (Ef 2.6), esse grupo de cristãos de Corinto entendia que eles já estavam em outra dimensão. Por isso enfatizavam o “falar em línguas”, que, ao que tudo indica, eles chamavam de “falar a língua dos anjos” (1Co 13.1). Para esse grupo, a espiritualidade não tinha nada a ver com a vida neste mundo. Assim, um dos seus slogans era “é bom que o homem não toque em mulher” (1Co 7.1). Diante disso, Paulo reafirma a importância do casamento (1Co 7.2-7) e insiste que cada um permaneça na situação em que se encontrava quando foi chamado à fé (1Co 7.17-24).

E como a mensagem da cruz se encaixa nisso? Ora, a cruz puxa a pessoa de volta para este mundo. Em linguagem teológica, o que aquele grupo de cristãos coríntios queria era uma teologia da glória. Paulo contrapõe uma teologia da cruz, em que se vive à luz do futuro, em que se vive como cidadão dos céus, mas com os pés bem fincados neste chão. Viver com os pés fincados no chão é viver como cidadão dos céus na situação ou no estado em que se foi chamado. A base de tudo é a vinculação com Cristo, que faz com que cada cristão seja um “pequeno Cristo” para os outros, em amor. Assim, bem antes de apresentar o amor como um “caminho ainda mais excelente” (1Co 12.31), Paulo já havia deixado claro que, em situações de conflito dentro da igreja, é preferível, em amor, ficar com o prejuízo a ficar com a razão (1Co 6.8); que, no casamento, em vez de afastar-se do cônjuge em isolamento egoísta, o marido, em amor, concede à esposa o que lhe é devido e a recíproca também é verdadeira (1Co 7.3); que, em questões relacionadas com comida ou bebida que podem escandalizar um irmão, o cristão, em amor, com sacrifício, prefere se abster de algo a escandalizar o outro (1Co 8.13); que, entre falar em línguas e profetizar, isto é, pregar, é preferível profetizar. Por quê? Porque falar em línguas é algo marcado pelo egoísmo, na medida em que o falante “a si mesmo se edifica” (1Co 14.4). Por outro lado, “o que profetiza edifica a igreja” (1Co 14.4). E edificar a Igreja é um ato de amor.

## **Conclusão**

Vou viver e anunciar os feitos de Deus nos lugares em que ele me colocou. Deus, em Cristo, colocou-me num lugar maravilhoso: pela fé, ele me faz assentar nas regiões celestiais (Ef 2.6). Esta é a dimensão vertical. Quanto a essa dimensão, estando eu na fé, não preciso fazer nada, porque Jesus já fez tudo em meu lugar. Não preciso me esforçar para alcançar o céu, porque este me é dado gratuitamente por Deus, em Jesus. A rigor, na medida em que Cristo está à direita de Deus e eu estou em Cristo, já estou no céu. Esta localização inicial é a base de tudo.

No entanto, mesmo sendo cidadão dos céus, continuo neste mundo, em vários lugares de responsabilidade. Nesses lugares ou nessas santas ordens, não preciso fazer nada “para garantir a mim mesmo”, porque quem me garante é Jesus. Se viver para mim mesmo, serei um egoísta idólatra. Assim, vivo para servir o meu próximo, em amor, nas diferentes ordens em que sou colocado. Nessas ordens, vivo e anuncio os feitos de Deus.

## **Um lembrete final**

Vivemos, hoje, num mundo secularizado, em que poucos pensam que servir a Deus é algo que se faz num lugar ou em lugares à parte. Ninguém ou poucos pensam em abandonar a família, para querer servir a Deus. As pessoas até tendem a colocar a família acima de tudo, como um deus. Em outras palavras, alegam não ter tempo para a Palavra de Deus, no culto, porque precisam se dedicar à família. Assim, o que falta, em nosso contexto, não é uma ênfase na vida no mundo assim chamado secular; o que falta é ver a conexão da fé. Hoje, corremos o risco de perder de vista o nosso “estar assentado nas regiões celestiais”, vendo tudo numa dimensão secularizada. Diante disso, não precisamos direcionar os crentes de volta à vida na família, mas precisamos direcioná-los para o culto. Nele, é mantida a dimensão vertical, ou seja, a fé que me une a Cristo e que Deus ativa e preserva pela pregação, pela absolvição e pela Santa Ceia. Do culto sou enviado de volta às santas ordens em que me encontro, segundo as minhas vocações. Dou continuidade à minha vida de filho, cidadão, esposo, pai, professor, etc. A conexão da fé é fundamental para que as atividades dentro das santas ordens sejam santas e agradáveis a Deus. Se não tenho a fé, para ficar com a ilustração usada por Lutero, estou apenas lavando as fraldas do bebê; se estou em fé, estou lavando as fraldas e “Deus se alegra juntamente com todos os anjos e criaturas”.

Tenho duas vocações, a vocação da fé (vertical) e a vocação do amor (horizontal, dentro das santas ordens). Não posso abrir mão de nenhuma delas, por mais que isso resulte em tensão.

## Perguntas para reflexão

1. Em que sentido podemos dizer, com Efésios 2.6, que estamos "assentados nas regiões celestiais"?
2. De que maneira as palavras de Jesus em Mateus 12.33, "Tornem a árvore boa e o seu fruto será bom", se relacionam com o assunto "ser agradável a Deus"?
3. Lutero, como se vê na Tábua dos Deveres do *Catecismo Menor*, resumiu as "santas ordens" a três: Igreja, política (ou vida pública) e casa. Na "casa" entrava o trabalho, que estava como que ligado a ocupações de ordem familiar. Hoje em dia, podemos falar sobre quatro "lugares de responsabilidade": igreja, vida pública (responsabilidade como cidadão), família e trabalho. Será que isso dá conta de tudo? Será que todos os nossos "lugares de responsabilidade" (ou as "santas ordens") cabem nessas quatro categorias? Não seria possível, por exemplo, incluir os solteiros, que Paulo menciona em 1Coríntios 7, sendo ele mesmo um deles?
4. Se pudermos incluir uma "santa ordem" dos solteiros, qual seria a boa obra ou vida agradável a Deus dessas pessoas? Será que a parte final da Tábua dos Deveres ("A Todos em Geral"), em que Lutero cita Romanos 13.9 e 1Timóteo 2.1, ajuda a responder?
5. Podemos, de fato, dizer que boas obras feitas no âmbito da Igreja não são melhores do que boas obras feitas fora da Igreja? Será que dirigir um estudo bíblico não é uma obra superior a tirar leite das vacas ou colher café?
6. Se minha vida cristã no dia a dia, fora do recinto da igreja, é agradável a Deus, por que devo me importar em continuar indo à igreja, ao culto?
7. À luz do estudo acima, fica-se com a impressão de que o cristão está sempre ocupado, na Igreja, na vida pública, na família ou no trabalho. De que forma o descanso ou o lazer entra nisso? É possível ser agradável a Deus, descansando? Como?

**Nota:** Os textos bíblicos citados neste estudo são da Nova Almeida Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).